

PATRIMÔNIO IMATERIAL DE GUARABIRA COMO POSSIBILIDADE
METODOLOGICA DE INCLUSÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL NO
ESPAÇO ESCOLAR

Francenilda dos Santos Nunes

Nereu Santana Silva

Lydiane Batista de Vasconcelos

RESUMO:

Esse artigo tem como objetivo apresentar as experiências da pesquisa realizada com as zeladoras de santo (JUREMA) na cidade de Guarabira. Foram realizadas entrevistas a fim de conhecer os aspectos ritualísticos e as histórias de vida das senhoras Luzia Ferreira da Silva e Joseane Soares da Silva. Utilizamos como referencial teórico as proposições de Clifford Geertz sobre as interpretações da cultura.

Palavras chaves: Jurema, zeladora, entrevistas.

ABSTRACT:

This article aims to present the experiences of the research conducted with the keepers of the holy (JUREMA) in the city of Guarabira. Interviews were conducted to ascertain the ritualistic aspects and the life stories of the ladies Lucia Ferreira da Silva and Soares da Silva Joseane. The theoretical framework propositions Clifford Geertz on interpretations of culture.

Key words: jurema, caretaker interviews.

Introdução

O antropólogo Sandro Guimarães de Salles em seus estudos sobre a Jurema na cidade de Alhandra/PB coloca que os estudos sobre Jurema no Brasil emergem tardiamente, sobretudo, mesmo autores que registraram algumas experiências a exemplo de Arthur Ramos (1988), Manuel Querino (1988) e Edison Carneiro (1991), minimizaram a questão da Jurema. Para Guimarães os estudos teriam surgido apenas nos trabalhos de Mário de Andrade (1983) e Gonçalves Fernandes (1938). Outra contribuição para os estudos sobre Jurema é o trabalho do historiador Henrique Carneiro intitulado *As plantas sagradas na história da América*, nesse estudo o autor assim como fez Guimarães aponta alguns trabalhos inovadores sobre a temática, dentre os estudiosos que merecem atenção o autor destaca os trabalhos de Mário de Andrade, Roger Bastide, Luis da Camara Cascudo, Roberto Motta, Clarice Novaes da Mota, Marco Tromboni de S. Nascimento, Clélia Moreira Pinto e Alvaro Carlini, no entanto, para o autor esses trabalhos não sistematizam a transformação do culto a Jurema do período colonial até os dias atuais, para que possamos perceber as transformações ritualísticas.

Para Henrique Carneiro:

A antropologia das religiões no Brasil caracterizou os “candomblés de caboclo”, entre os quais se encontram o catimbó e a jurema, como uma série de cultos não alinhados com os terreiros de candomblés de orixás que se tornaram os mais tradicionais desde a primeira metade do século XX. Esse amplo campo místico folclórico constitui um panteão afro-indígena-brasileiro, que incluiu os “encantados” cultuados como espíritos de caboclos, pretos-velhos e outras figuras. Num arco que tem, no seu extremo mais puro, o xamanismo indígena, na forma da pajelan-ça encontramos na sua parte intermediária as fusões em que a tradição indígena mistura-se com a africana e a católica, produzindo o catimbó e jurema como algumas das influências mais significativas da religiosidade indígena da cultura brasileira.

O historiador vai apontando no decorrer do seu texto a percepção que os antropólogos possuem sobre a Jurema. No caso específico da Paraíba, grande parte das publicações se debruça sobre as práticas das cidades da Zona da Mata paraibana, ficando as demais regiões sem trabalhos sistemáticos.

Esse trabalho se justifica pela ínfima quantidade de pesquisas antropológicas e históricas sobre os terreiros da região agreste da Paraíba. Salvo o caso das experiências realizadas pelo NUPPO-PRAC/UFPB que no decorrer das décadas de 1970 e 1980 realizaram uma série de entrevistas temáticas sobre os mestres de cultura popular da Paraíba. Nessas pesquisas dirigidas por Osvaldo Triqueiro e Altimar Pimentel que na época foi presidente da Comissão Paraibana de Folclore, nesse estudo foram catalogadas e registradas nas formas de fitas cassetes, teses, dissertações, monografias e livros levando em consideração as categorias previstas nos registros do Iphan.

Saberes/fazeres, lugares, espaços, edificações, celebrações, rituais foram catalogados por equipes multidisciplinares desde a sua fundação em 1980.¹ O núcleo possui coleções de peças populares, objetos decorativos, brinquedos populares e idumentárias.



Fontes: elaboradas pela autora.

Temos como objetivo catalogar nesse trabalho apresentar as experiências dos zeladores de santo de todos os terreiros da cidade de

Guarabira através de entrevistas, anotações em cadernos de campo, vídeos e fotografias.

No decorrer das entrevistas, percebemos que existe uma quantidade significativa de terreiros de Jurema na cidade de Guarabira, nesta existem dez pais de Santos (Zeladores), Sendo dois no Bairro do Mutirão, dois na vila Padre Cícero, Dois no bairro da Explanada, três no Bairro Rosário e um no bairro Santa Terezinha. (Devido a quantidade de pais de santo existente na cidade de Guarabira, essa pesquisa busca apresentar as trajetórias de vida das zeladoras de santo, Luzia Ferreira da Silva e Joseane Soares da Silva), visto que não é corriqueiro a presença de mulheres nesse segmento. Sendo mais presentes a presença masculina, sobretudo de homoafetivos, questão que será trabalhada posteriormente em outros artigos.

Segundo as narrativas os motivos das entradas das mulheres como zeladora variam de acordo com uma série de interesses pessoais, para Luzia Ferreira da Silva, a sua entrada se deu:

Eu tive uma crise muito pesada de doença eu estava com 14 anos, ai e fui internada, passei muitos dias internada, só que quando eu estava no hospital o médico disse que a minha doença não era essa doença material era espiritual, era doença espiritual e minha família procurasse outros cantos para me curar, porque não era nada de médico.

No entanto, mesmo havendo a indicação de procura de algumas casas por parte do médico a sua inserção na Jurema se dá apenas devido ao casamento, visto que o seu marido também era zelador, nesse momento ela começa o seu desenvolvimento como rodante², no decorrer dos anos Luzia vai crescendo hierarquicamente na casa até chegar o momento de se direcionar a outra casa para poder fazer sua feitura de zeladora de santo. A casa a qual ela se dirige também se localizava no Rosário e na época a zeladora era a Mãe

² É a prática de iniciação na gira.

Marina, hoje falecida. Após a morte do seu marido Luzia herda a casa, onde ela tira a *mão do esposo*³.

No caso de Maria das Dores a sua entrada na Jurema se deu segundo ela da seguinte forma:

Nós somos na casa de Ketu e Angola, porque nossa raiz e do Ketu, foi à fundação da família do meu pai e a raiz de Angola que foi adquirida pelos sacerdotes mais velhos, não é? Eles tinham dado as junções, eu fui raspada no Angola e quando voltei do Rio de Janeiro fui pra casa de Ketu e ai não mudou muita coisa porque a junção era a mesma: Ketu e Angola (...) nos tocamos no Ketu e na Angola (... O inicio não foi de imediato no candomblé, comecei frequentando casas de Umbanda que aqui no bairro onde eu moro que é o bairro do Rosário, antigamente todas as casas eram de Umbanda, não tinha nenhuma casa formada em Candomblé, eu fui através de um amigo, até então eu não conhecia a minha espiritualidade (...) ai eu tive o conhecimento de antemão eu não gostei muito da situação, não achei legal (...) então eu preferi que e não ia mais não ia mais ver e não ia mais frequentar, mas ai passou-se mais um tempo porque quando esse meu amigo me chamou, me convidou eu tinha mais o menos uns 12 anos por ai e de momento eu não simpatizei (...) eu não tinha me sentido bem, e daí eu passei um tempo sem frequentar e depois, eu acho que com uns três anos por aí novamente por insistência desse amigo eu comecei a voltar de novo é mina situação era mais séria porque eu tava começando a ficar doente e minha família, no caso minha vó procuravam os médicos e não sabiam dizer o tipo da doença que eu tinha, eu ia ao médico frequentemente, mas assim, continuava doente, passava remédio, não melhorava(...) o que que acontece? Esse mesmo eu amigo falou que isso era problema de santo, cobrança do santo porque eu era uma pessoa que tinha que trabalhar, mas no momento eu tava me recusando e ai tava adquirindo este problema porque não queria entrar pra nação e daí eu pensei no assunto formalizando eu disse então se for pra melhorar, ficar boa eu vou entrar de cabeça, a primeira casa que eu entrei, mas, não fiz nada, não fiz santo não fiz umbanda e nem jurema (..) só fui filha simpatizante, foi a casa de mãe Luzia e depois da casa de mãe Luzia a gente passou um bom tempo lá, cerca de 3 anos, e após isso não deu muito certo (...) saímos achamos melhor, passamos pra casa de dona Marina e passamos também cerca de 3 anos (...) e ai também fomos embora.

³ Conceito utilizado para designar a retirada de todos os pertences referente ao santo do marido falecido da casa que foi herdada por Luiza e dos filhos de santo (refazer, portanto o santo).

Percebemos no decorrer do campo que existe toda uma ritualística dentro das casas das zeladoras, ao chegarmos visualizamos a seguinte forma de organização: Existe uma Cabocla como chefe, depois suas raízes que são de chão e que têm sua representação na árvore da Jurema, seu toque são para Exu, Pomba Gira, Caboclo e Caboclo, Boiadeiro, Preto Velho, Mestres e Mestras. Ao chegarmos à casa de mãe Luzia nos identificamos e relatamos a finalidade da visita que tinha como objetivo fazer uma pesquisa sobre a cultura Afro-brasileira e Afro-africana então não tivemos empecilhos com a pesquisa da qual ela procurou contribuir da melhor forma possível, nos fornecendo dados sobre a sua entrada na religião, sua casa, e os orixás, nos permitindo entrevistas e fotos, documentos. Em todos os cultos da Jurema praticadas na cidade de Guarabira, durante o ritual todos os nativos tomam uma bebida, salva o caso das crianças, no decorrer das entrevistas foi nos relatado como se produz a bebida, no entanto, como se trata de algo sigiloso da celebração não nos foi autorizado nenhum registro sobre a prática de produção da bebida.

Em Joseane não foi diferente, porém de início nos mostrou resistência por já ter feito com outros estudantes, mas concordou que ela poderia consultar os orixás para ver se tínhamos a permissão, assim que conseguimos, continuamos nosso trabalho. Como método de análise desenvolvemos um roteiro que buscava conhecer as particularidades as celebrações.

Segue abaixo o roteiro utilizado:

Entrevista:

Falar sobre si:

- Como entrou?
- Qual o motivo?
- Quando foi?
- Quanto tempo de Zelador?
- Quem foram seus mestres?
- Estão vivos e em atividades?
- É casado (a)
- Grau de escolaridade?
- Nação?
- O senhor (a) já sofreu em sua vida algum tipo de preconceito?
- Nome do Barracão?

Atividade no Barracão:

- Hoje tem muitos zeladores de Orixás modernos e os tradicionais. Fale um pouco dos dois e qual a sua casa segue.

- Na sua visão, se possível, conte um pouco sobre cada uma delas (zeladores tradicionais e modernos).

- o senhor (a) acha que a sua religião esta se intelectualizando como, produzindo livros ou outros materiais para deixar registrados seus conhecimentos?

- O senhor se preocupa em questão de formar herdeiros para os orixás? Já tem algum formado pelo senhor (a)? Onde mora? Tem barracão?

- As festas, quando são feitas? E para quem?

- como é feito o deitar (se recolher) para o orixá? E a saída?

- Como é feita a matança? O que é do orixá e da festa? Todos os médios fazem?

- O que é tirar e colocar a mão?

-A pomba- Gira ou alguma outra entidade interfere na vida de alguém (sexualmente, modo de se vestir...).

-Povo da linha branca, como a umbanda, como a cultura chama o senhor?

- O que é Jurema ou Jureminha?

- O que é YRÊ?

Esse roteiro buscou investigar as culturas partindo da concepção metodológica de Clifford Geertz em seu livro A interpretação das Culturas. Para

o autor ao realizar o trabalho de campo é desvendar os significados, estabelecendo relações entre os mesmos. Essa interpretação deve levar em consideração também a forma de seleção das narrativas, transcrição de textos, levantamento dos dados e do próprio campo a ser feito, que leva a um mapeamento etnográfico. Para o autor:

A cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles (os símbolos) podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade.⁴

Diante do que é proposto por Geertz como metodologia da pesquisa compreendemos que Dona Luzia e Joseane são mulheres amarradas as teias de significados presentes nas práticas culturais e sociais da Jurema, que elas constantemente tecem, dessa forma nossas entrevistas buscaram investigar e interpretar o significado dessas teias.⁵

Análise dos resultados

Diante das entrevistas realizadas percebemos que assim como descreve Geertz que as culturas devem ser interpretadas como se fossem textos. Para o autor:

“Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas, e comentários tendenciosos, escritos não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado”.

Dessa forma, partindo das proposições do autor as entrevistas, as fotografias, os vídeos, cantos, vestimentas, objetos e demais elementos presentes na vida das zeladoras de santo nos servem de possibilidade

⁴ Geertz, Clifford. A interpretação das Culturas. Zahar. Rio de Janeiro, 1973, pg. 24

⁵ Geertz, Clifford. A interpretação das Culturas. Zahar. Rio de Janeiro, 1973, pg. 15

interpretativa do universo da Jurema na cidade de Guarabira. Após o término das entrevistas, transcrição e sistematização dos dados, iremos aplicar atividades nas escolas públicas de Guarabira trabalhando os conceitos de alteridade e equidade para o fortalecimento de uma relação intercultural.

Referencia:

CARNEIRO, Henrique. As plantas sagradas na história da América. VARIA HISTORIA, nº 32.

SALLES, Sandro Guimarães de. À sombra da Jurema: a tradição dos mestres juremeiros na Umbanda de Alhandra Revista ANTHROPOLÓGICAS, ano 8, volume 15(1): 99-122 (2004) .

Geertz, Clifford. A interpretação das Culturas. Zahar. Rio de Janeiro, 1973, pg. 24